

**NO LIMIAR ENTRE LITERATURA, MEMÓRIA E HISTÓRIA:
A “GALERIA DA IMPRENSA” LUSO-BRASILEIRA NA
REVISTA BRASIL-PORTUGAL (1899-1914)**

Recebido em 15/12/2009

Aceito em: 15/03/2010

Fernanda MULLER *

Resumo: *Pretendemos discutir, neste artigo, aspectos relevantes concernentes ao trinômio “literatura, memória e história” através do estudo da imprensa periódica. Nesse sentido, analisaremos os artigos da seção “Galeria da Imprensa”, que foram publicadas na revista Brasil-Portugal (1899-1914), durante o primeiro ano de sua edição. Pensada pela intelectualidade luso-brasileira como instrumento para “estreitar os laços das nações irmãs” no início do século XX, o estudo do periódico fornece subsídios importantes para o entendimento das relações entre ambos os países nesse momento e, sobretudo, fornece pistas significativas sobre a verdadeira razão dessa almejada amizade nesse período tão particular de construção da identidade nacional brasileira.*

Palavras-chave: *imprensa periódica literária; relações luso-brasileiras; historiografia literária; revista Brasil-Portugal.*

Introdução

Situado na fronteira entre literatura, memória e história, o estudo da imprensa periódica – que se revela como uma excelente fonte alternativa como objeto de pesquisa – tem se desenvolvido muito nas Universidades brasileiras nos últimos anos e lançado luz a algumas facetas importantes para a compreensão da equação literatura-sociedade. Constituído-se como testemunhas privilegiadas das épocas em que foram publicadas, o estudo de periódicos nos possibilita re-construir determinados pontos de vista do período que retrataram de maneira particular e complementar ao cânone tradicional.

De fato, bem como aponta Corrêa (1999, p. 11):

O estudo de publicações periódicas tem atraído a atenção de pesquisadores interessados no conhecimento e na avaliação da produção intelectual de determinados períodos da nossa história. Por suas características pró-

* Universidade de São Paulo. E-mail: fersmuller@hotmail.com

prias, essas publicações seqüenciais podem proporcionar ao estudioso as possibilidades de vislumbrar quais seriam os temas de interesse na época, a maneira como foram abordados, quem eram os seus autores e quem eram os seus leitores.

O período que abordaremos nesse artigo, também conhecido como *belle époque*, foi, sem dúvida, um período particular na história de Brasil e Portugal, seja sob a perspectiva interna, seja sob o ponto de vista do desenvolvimento de suas respectivas imprensas mas, sobretudo, ao que tange as relações entre ambos os países.

Se, por um lado temos um Brasil que ia tentando fortalecer a República recém-fundada, desenvolver e urbanizar as principais cidades do país e ainda absorver a velocidade das mudanças da vida e da sociedade moderna que já se anunciavam, por outro lado temos um Portugal cambaleante que sofria com a crise deflagrada sobretudo pelo *Ultimatum* – que culminara posteriormente com enfraquecimento da Monarquia e seus desdobramentos (como o regicídio em 1908) – e a instauração da República em 1910.

Assim sendo, se internamente para ambos o período foi de intensa agitação, podemos dizer que também a relação entre os países em si também não era das melhores, já que pairava no ar um certo “estranhamento” entre Brasil e Portugal desde a Proclamação da República brasileira em 1889 e a conseqüente expulsão do então Imperador D. Pedro II e sua família, pelo menos, acentuada pela ruptura das relações diplomáticas com Portugal em decorrência da Revolta da Armada Brasileira¹ em 1893.

¹ A Revolta da Armada foi um movimento deflagrado por setores da Marinha brasileira em 1893 contra o presidente da República, marechal Floriano Peixoto. Encabeçado pelo contra-almirante Custódio de Melo e pelo almirante Luiz Filipe Saldanha da Gama, o episódio expressou com clareza os interesses e as disputas políticas do início do período republicano. Dentro da Marinha as frustrações políticas com a República e principalmente com Floriano Peixoto eram claras. A Marinha naquele momento ainda mantinha muito da época do Império; oficiais de patente eram praticamente todos os membros das elites monárquicas, enquanto ser marinheiro no Brasil era considerado como função de negros. O advento da República, contudo, fora comandado pelo Exército, tendo a Marinha ficado em segundo plano. As pretensões do candidato declarado à presidência da República, o almirante Custódio de Melo, conseguiram rapidamente apoio entre os oficiais monarquistas e essa aliança de interesses acabou por culminar com a Revolta da Armada. Em 9 de fevereiro de 1894 os rebeldes decidiram tentar um desembarque em Niterói, mas foram obrigados a voltar aos navios. Acossados, bloqueados e atacados pela nova esquadra governista, os revoltosos que ainda estavam na baía de Guanabara, entre os quais Saldanha da Gama, pediram asilo às fragatas portuguesas Mindelo e Afonso de Albuquerque, sendo por elas recolhidos em 13 de março de 1894. O fato deu origem a um incidente diplomático que culminou com o rompimento das relações com Portugal por parte do governo de Floriano Peixoto. Cf. também: DONATO, Hernâni. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo: Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1996; RIO BRANCO, Barão do. *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938 e RIBEIRO, Atanagildo Barata. *Sonho no cárcere: dramas da revolução de 1893 no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

Apesar das divergências e, mesmo antes do re-estabelecimento das relações diplomáticas oficiais entre Brasil e Portugal, observamos que pelo menos uma parte da intelectualidade luso-brasileira sempre se empenhara com muito afinco para o fortalecimento das ligações entre ambos os países, dispondo, para tanto, da principal arma que possuíam: a imprensa.

A imprensa de modo geral e, particularmente, as revistas produzidas pela intelectualidade portuguesa constituíram-se como verdadeiros locais privilegiados de discussão acerca da escrita da História, da situação política, social, cultural e econômica de Portugal e das relações com outros países. Transformados em veículos de propagação de idéias nacionalistas, dirigiam-se principalmente para o Brasil, tentando cumprir o papel da imprensa, no sentido em que Pierre Bourdieu a concebe, ou seja: travando sobretudo uma luta política através da produção do conhecimento; buscando o reconhecimento pela produção e reprodução de capital simbólico que expressam notoriedade e respeitabilidade; afirmando sua autoridade e, por conseguinte, impondo ou criando condições para difundir e impor o conhecimento considerado legítimo e verdadeiro do sentido do mundo social, da sua significação atual e da direção em que vai e deve ir (BOURDIEU, 1998, p. 165).

Desse modo, fomentada sobretudo pelos portugueses – que, principalmente por motivos financeiros, se viram muito prejudicados com o rompimento das relações e acordos comerciais previamente estabelecidos com o Brasil – observamos nesse período um crescente número de publicações de artigos com o escopo de amenizar e abrandar tais diferenças, seja na imprensa regular (grandes jornais, sobretudo no Rio de Janeiro), seja na publicação específica de revistas pensadas exclusivamente pela/para intelectualidade luso-brasileira, como foi o caso da revista *Brasil-Portugal*. Como é sabido, além da presença maciça de jornalistas portugueses na imprensa brasileira (especialmente carioca), como bem assinalado nas pesquisas das professoras Dra. Elza Miné (MINÉ, 2000) e Dra. Rosane Gazolla Alves Feitosa (PETERLE ET AL., 2006, p. 61-69), por exemplo, a colônia lusitana no Brasil também promoveu a publicação de folhas direcionadas ao público imigrante, dentre as quais podemos citar a *Revista Luso-brasileira* (1860), *A Ilustração Luso Brasileira* (1856, 1858, 1859), o jornal *Brasil e Portugal: Jornal Dedicado aos Interesses dos Dois Países – Ciências, Artes, Commercio e Industria* (1872), além do famoso *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1851-1932), somente para citarmos alguns títulos.

Nesse sentido, nossa proposta para esse artigo é o de examinar a especificidade da revista *Brasil-Portugal*,² publicada entre 1899 e 1914, através da seção “Galeria da Imprensa” e analisar o status das relações luso-brasileiras que foram estabelecidas nesse periódico sobretudo no período proposto.

² Integrante do *corpus* da pesquisa de Doutorado que estamos desenvolvendo com o apoio da FAPESP (processo número 07/55142-3), juntamente com outras publicações luso-brasileiras como as revistas *Ilustração Portuguesa* (1903-1924), *Atlântida* (1915-1920), *Serões* (1901-1911), entre outras.

Desde o primeiro contato com as revistas integrantes de nosso *corpus*, despertou-nos a atenção a maneira como ambos os países foram retratados em tais publicações (que, na maioria das vezes, embora se auto-intitulassem luso-brasileiras, priorizavam, nitidamente, apenas a promoção de Portugal e seus valores). Outra questão que nos intriga ainda é descobrir o verdadeiro propósito de tal aproximação e estreitamento dessas relações pela imprensa periódica, justamente num período em que no Brasil as discussões acerca da construção da identidade nacional se acirravam. Vejamos então como se estabeleceu, pelo menos em partes, tal processo na *Brasil-Portugal*.

Brasil-Portugal, uma revista ilustrada

Seguindo o gênero das publicações ilustradas tão populares em Portugal no último quartel do século XIX, a revista *Brasil-Portugal: revista quinzenal ilustrada*, foi publicada entre 01 de fevereiro de 1899 a 16 de agosto de 1914, perfazendo um total de 374 números. Dirigida por Augusto de Castilho, Jaime Victor, Lorjó Tavares e mais tarde Augusto Pina, ao longo dos seus quinze anos de vida, manteve praticamente inalterável a direção original do periódico. Em 1912, por razão da morte do primeiro, João de Vasconcelos substituiu-o e assumiu como diretor. Grandes editores também foram responsáveis pelo sucesso da publicação, dentre os quais podemos citar Luiz Antônio Sanches (1899), sucedido posteriormente por Carlos de Magalhães Burguete (1910), Manuel Pedro da Silva (1911) e Carlos Abreu (1914).

Eis o programa e objetivos da revista, publicado na página 2 de seu primeiro número (CASTILHO; VITOR; TAVARES, 1899, p. 2):

Nasce o *Brasil-Portugal* [...] e entrega-se confiado à boa fada tutelar que nunca desampara os que trazem consigo uma idéia e uma vontade. Qual é essa vontade? Qual é essa idéia?

Responder a estas perguntas é dizer todo um programa, e, como ele é simples e curto, em duas palavras se diz.

A idéia é esta: tornar o Brasil conhecido em Portugal, tornar Portugal conhecido no Brasil, generalizando em cada um destes países a arte e a literatura do outro, e tornando apreciados em ambos, os escritores e os artistas, que na mesma língua, rica, sonora e rítmica, dizem o que na pátria portuguesa e na pátria brasileira tem o sentimento de mais intenso e delicado e a idéia de mais profundo brilhante. As paisagens, os monumentos, as personalidades, as fábricas, os aspectos de cidades e vilas, que forem aparecendo em todos os números, lembrarão ininterruptamente, respondendo a uma curiosidade, ou avivando uma afeição, o Brasil a Portugal e Portugal ao Brasil. [...] E muito de propósito aguardamos o fim para dizer que o *Brasil-Portugal* tem a peito, acima de tudo, manter e apertar as relações do comércio e da indústria entre as duas nações irmanadas pelo sangue, pelo sentimento e pela tradição. Eis aqui a idéia que traz consigo *Brasil-Portugal*. Falta dizer o que é a vontade. A vontade é pô-la em ação e torná-la prática. Para esse *desideratum* absolutamente confiam no grande público dos dois países.

Criada portanto com o propósito de “estreitar os laços entre Brasil e Portugal”, possuía em média 24 páginas (sendo a metade delas só de propagandas de anunciantes brasileiros e portugueses) e teve uma ótima circulação no Brasil e também nas colônias africanas, também em parte devida à brilhante atuação dos correspondentes das revistas no exterior. O público brasileiro desde o início da publicação mereceu grande atenção dos editores da revista – e especialmente de Lorjô Tavares – que, entre 1899 a 1905 realizou pelo menos três viagens ao Brasil com o intuito de divulgar a revista; mais tarde, em 1911, volta ainda pela última vez ao país com o mesmo intuito, ou seja, promover o periódico. Outro fato que nos chama a atenção quanto à essa “correspondência” brasileira é o grande número de agentes da revista espalhada por todo o país, conforme divulgado em suas próprias páginas: em meados de 1900 contava com agentes/colaboradores em Manaus, Belém, São Luis, Rio de Janeiro, Porto Alegre e São Paulo, por exemplo.

Ao que tange o programa editorial, é notório que a publicação conheceu dois momentos distintos que tiveram como marco divisório a implantação da República Portuguesa: primeiro, como veículo de informação geral e entretenimento, depois como plataforma de oposição. De fato, após o início da República lusitana, observa-se paulatinamente nas crônicas publicadas na revista, sempre um tom mais crítico em relação ao novo regime, embora os diretores sempre reiterassem a “neutralidade política”, a cada novo ano de publicação, nos editoriais comemorativos.



Figura 1 – Capa da primeira edição de Brasil-Portugal, em 01 de fevereiro de 1899

No momento do seu lançamento, a revista afirmou-se como um produto dirigido às elites, especialmente as da comunidade portuguesa no Brasil e das colônias, que procurava conquistar através de textos de temática diversa – história, literatura, arte, etnografia, sociologia, religião, sociedade, etc., – de boa qualidade e ainda melhor ilustrados. Podemos dizer que a *Brasil-Portugal* era um autêntico álbum de memórias visuais, o que por si só garantia o seu potencial interesse enquanto fonte de informação. No primeiro ano, a direção artística da *Brasil-Portugal* esteve confiada a Celso Hermínio, mas no ano seguinte foi anunciado o seu afastamento, justificado por motivos profissionais. Celso Hermínio viria a falecer a 8 Março de 1904, efeméride que foi assinalada pela revista no seu n.º 124. No campo gráfico, a revista contou ainda com a colaboração de Alfredo Cândido, A. C. Lima, Bobone, Arnaldo Fonseca, Camacho, Carlos Abreu, Carlos Pereira Cardoso, Fidanza, J. Benoliel, Joaquim Costa, Loz Marinho, Roque Gameiro, entre outros.

Os assuntos da atualidade apareciam de forma variada nas páginas das revistas, mas havia a predominância das crônicas e das reportagens fotográficas. No foco das publicações da revista convergiam quase sempre as relações luso-brasileiras, que forneciam vasto material para as seções de vida efêmera, como: “Relações commerciaes de Portugal”, assinada pelo conselheiro F. Matoso Santos; “Questões actuaes”, a cargo do dr. Anselmo de Andrade e as “Cartas de Paris”, de Silva Lisboa, por exemplo. O grande enfoque na economia fez da *Brasil-Portugal* uma riquíssima fonte de informação sobre empresários e empresas, bancos e gestores financeiros, associações de classe e instituições. Desde o início de sua publicação apresentava algumas colunas fixas, como a “Crônica elétrica”, “Poetas e prosadores” (cotejo de duas poesias, sendo sempre uma de autoria portuguesa e a outra brasileira), a seção de folhetim, além de uma seção dedicada ao Teatro, que incluía o panorama teatral da época, a programação das casas de espetáculos e os bastidores das peças. Publicou também uma interessante série intitulada “Galeria da Imprensa”, com destaque a grandes empresas jornalísticas de Portugal e também do Brasil – conforme veremos melhor adiante – e também publicava regularmente uma seção denominada “Bibliografia”, com a resenha dos principais livros que eram publicados em ambos os países.

Os acontecimentos da vida política, tanto no âmbito nacional quanto internacional, eram comentados pelos respectivos diretores da revista na já citada “Crônica elétrica” ou na crônica humorística “À varanda do Club”, de Moura Cabral. Mas, conforme a publicação ia conquistando novos espaços junto ao público, novos articulistas, e de peso, foram agregados ao corpo editorial como, por exemplo, Alfredo Mesquita, Alberto Braga, Câmara Lima, Consiglieri Pedroso, Eduardo Schwalbach, Emydio Navarro, Gervásio Lobato, Henrique Lopes Mendonça, Ramalho Ortigão, Teófilo Braga, Wenceslau de Moraes. Além destes, a *Brasil-Portugal* contou com a colaboração permanente de Abel Botelho, Adrião de Seixas, Afonso Gayo, Alberto Braga, Alfredo da Cunha, Anselmo de Andrade, Anselmo Vieira, António Arroyo, António de

Barros, António do Valle de Sousa, António Ennes, António José Boavida, Arnaldo Fonseca, Augusto Pina, barão de Marajó, Bello Moraes, Bernardo Pinheiro, Bulhão Pato, Carlos Malheiro Dias, conde da Esperança, conde de Monsarraz, Crispim, Cunha Belém, Cunha e Costa, Curry Cabral, D. Luiz de Castro, Egas Moniz Barreto de Aragão, Eduardo Vidal, Euclides Dias, F.A. de Matos, Félix Faure, Fernandes Costa, Ferreira Mendes, Fialho d'Almeida, Gomes Leal, Guilherme Gama, Henrique Vasconcelos, Itibiré da Cunha, Jorge de Menezes, J. Barbosa Colem, J. Nunes de Freitas, João Abreu, João Galhardo, João Grave, João Saraiva, Júlio Brandão, Júlio Nunes de Freitas, L.F. Marrecas Ferreira, Lambertini Pinto, Lino d'Assumpção, Lopes de Mendonça, Luiz Cardozo, Luiz de Moraes Carvalho, Luiz Trigueiros, Macedo Papança, Manoel Dâmaso Antunes, Manoel de Arriaga, Manuel Penteado, Marques Mano, Marrecas Ferreira, Mattoso dos Santos, Maximiliano de Azevedo, Miguel Bombarda, Moura Cabral, Olavo Bilac, Oliveira Freitas, Branco, Oraval, Orlando Teixeira, Padre Alvares d'Almeida, Pinto de Carvalho (Tinop), Raul Brandão, Ribeiro de Carvalho, Ruy, Santos Farinha, Sena Freitas, Silva Pinto, Thomaz Ribeiro, Valentim de Magalhães, visconde de Faro Oliveira, Zacharias d'Aça, entre outros.

A presença feminina e a defesa do feminismo também foram constantes nas páginas de *Brasil-Portugal*; nesse sentido, destacamos a colaboração de Adelina Lopes Vieira, Ana de Castro Osório, Ana Maria Ribeiro de Sá, Branca de Carvalho, Constança Telles da Gama, Héloise Cordeiro, Júlia Lopes, Margarida Bodin, Maria Amália Vaz de Carvalho, Maria O'Neill, Sophia da Silva.

Sublinhamos ainda o dinamismo da política comercial da *Brasil-Portugal*, com tradução na presença de muitos assinantes (sobretudo nos primeiros anos), na sua política de preços, por diversas vezes reduzidos, na presença de suplementos e no lançamento anual de brindes, entre outras estratégias. A empresa conheceu também mudanças de sede e de tipografia e utilizou técnicas inovadoras de impressão, detalhes que foram reconhecidos e premiados em certames internacionais, como a Exposição Internacional de S. Luís, Exposição de Paris (1900) e Exposição Nacional do Rio de Janeiro (1908).

A imprensa luso-brasileira em vitrine

A partir do terceiro número da revista (01/03/1899), o magazine *Brasil-Portugal* veiculou a interessante seção "Galeria da Imprensa", espécie de vitrine sobre os principais jornais e jornalistas cariocas nesse final de século XIX. Publicada ainda nas edições número 4 (16/03/1899), 6 (16/04/1899), 10 (16/06/1899) e 30 (16/04/1900), a duração dessa coluna praticamente coincidiu com o primeiro ano de publicação do periódico.

Nas cinco edições nas quais foi publicada, a "Galeria da Imprensa" traçou um importante retrato da *intelligentsia* brasileira finisecular, representada pelos intelectuais e homens de letras que estavam a frente dos periódicos *Jornal do Comércio*, *Gazeta de Notícias*, *O País*, *Jornal do Brasil* e *A Notícia*, todos do Rio de Janeiro, ainda que de forma singela. Os artigos, de modo

geral, sempre apresentavam a mesma estrutura, ou seja, na primeira parte era sempre apresentado o diretor do jornal e um breve panorama histórico sobre a publicação, enquanto na segunda sempre havia o destaque para os respectivos correspondentes na capital portuguesa.

No primeiro artigo da série (edição número 3 de 01/03/1899) os jornalistas “homenageados” são dr. José Carlos Rodrigues, então diretor do periódico e José Antônio de Freitas, respectivo correspondente do *Jornal do Commercio*³ em Lisboa. Rodrigues, que na época tinha completaria quase uma década como diretor do jornal, foi inicialmente descrito pela revista como

notável jornalista brasileiro que com tão grande êxito dirige a empresa jornalística do Rio de Janeiro. [...] A sua atividade e o seu talento manifestaram-se logo nos primeiros anos dos seus estudos, que principiaram no Colégio D. Pedro II do Rio, e terminaram na Universidade de São Paulo, onde em 1864 se formou em direito, merecendo várias distinções (...) (GALERIA, 1899, 01 mar. p.2, grafia atualizada)

O editorial prossegue narrando as qualidades cognitivas e empresariais de Rodrigues, com destaque à sua participação na imprensa periódica americana – no período que lá estivera como correspondente do *Jornal Oficial* e do próprio *Jornal do Commercio* – além de enfatizar a importância de suas publicações e estudos jurídicos para o desenvolvimento da Jurisprudência brasileira. Ao final do artigo, temos a informação de que

O dr. José Carlos Rodrigues tem visitado a Europa várias vezes, demorando-se na sua última viagem algum tempo em Lisboa, onde foi muito festejado, sendo-lhe oferecido um grande banquete no Hotel Internacional, ao qual presidiu ainda o malgrado Carlos Lobo d’Avila, então ministro dos estrangeiros, e assistiu o sr. Thomaz Ribeiro que era ao tempo ministro português junto à República Brasileira. Do nosso governo tem merecido por vezes algumas distinções, entre as quais em 1893 a Comenda de S. Thiago, e depois a Carta do Conselho. (GALERIA, 1899, 01 mar. p.2, grafia atualizada)

³ Fundado em 1º de outubro de 1827 pelo francês Pierre Plancher, o *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro é, até hoje, um importante e influente órgão da imprensa fluminense, sendo considerada a mais antiga folha de circulação diária ininterrupta da América Latina. Em suas páginas desfilarão personalidades do primeiro e do segundo Império, bem como da República até os dias presentes. Teve origem no *Diário Mercantil* (1824), de Francisco Manuel Ferreira & Cia., editado no Rio de Janeiro, voltado para o noticiário econômico, mantendo a vocação até hoje. No período de 1890 a 1915, sob a direção de José Carlos Rodrigues, contou com a colaboração de grandes intelectuais brasileiros, como Rui Barbosa, Visconde de Taunay, Alcindo Guanabara, Araripe Júnior, Afonso Celso e outros. Era então editorialista José Maria da Silva Paranhos Júnior, o Barão do Rio Branco (1845-1912). Atualmente, o diário integra os Diários Associados. Em 2005 expandiu-se, inaugurando sucursais em São Paulo, Brasília e Belo Horizonte, onde passou a ser comercializado em bancas, concorrendo diretamente com outros importantes jornais econômicos brasileiros como *Valor Econômico* e *Gazeta Mercantil*.

Em tom exclusivamente laudatório, na conclusão do artigo temos, portanto, as informações de que a figura do jornalista era não somente muito apreciada em Portugal, como também merecedora de condecorações honrosas por parte do governo português, justamente no ano de 1893 (marco do rompimento das relações diplomáticas entre Brasil e Portugal, como vimos antes), dando a impressão para o leitor de que as divergências entre os governos luso-brasileiros não passavam de simples questões burocráticas.

Da mesma maneira nos é descrito de José Antônio de Freitas, correspondente do *Jornal do Commercio* em Lisboa.

Basta vê-lo e conhecê-lo para se simpatizar logo com o Brasil. É que raramente se consegue ser mais insinuante do que ele é: vivo, irriquieto, nervoso; espírito culto, possuindo todos os segredos da graça moderna, traduzida em bons ditos e em observações justas; escritor correto, conhecedor como poucos da sua língua, orador eloquente que arrebatava não pela retórica mas pelo brilho da frase cuidada e natural, tal é José Antônio de Freitas, brasileiro de coração e de origem, e português pela educação e pela conveniência. Ocupa há muito um lugar distinto entre os sócios correspondentes da Academia de Ciências, é em Lisboa correspondente literário do *Jornal do Commercio*, do Rio de Janeiro, onde os seus folhetins são justamente apreciados, e o teatro português deve-lhe as traduções mais ricas das principais obras de Shakespeare. (...) (GALERIA, 1899, 01 mar. p.2, grafia atualizada)

Consoante ao primeiro artigo, na “Galeria da imprensa” da edição de 16 de fevereiro de 1899, nos era apresentado o “verdadeiro tipo de jornalista moderno”, representado na figura de Dr. Ferreira de Araújo, diretor da *Gazeta de Notícias*⁴ do Rio de Janeiro:

Espadaúdo, fronte elevada, olhar vivo e inteligente, fisionomia franca e aberta, feições acentuadas, o ilustre diretor da *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro, jornalista dos mais brilhantes do Brasil, tem sido um forte na pura acepção da palavra. Espírito culto (...) ele é o verdadeiro tipo do jornalista moderno, moldando-se pela maleabilidade da sua inteligência a todos os gêneros, desde o artigo político cheio de argumentos, até o folhetim ligeiro cheio de graça. [...] Francamente democrata, sem os exageros do jacobinismo, convictamente liberal, mas liberal pela ordem, não esperou o glorioso decreto da condessa d’Eu, para atestar o seu respeito pela humanidade, e ainda, quando poucos acreditavam que essa tarefa seria levada a cabo pelo coração dedicado e

⁴ O jornal *Gazeta de Notícias*, fundado por Manuel Carneiro, Ferreira de Araújo e Elísio Mendes, circulou de agosto de 1875 até 1942. Inovador em seu tempo, abriu espaço para a literatura (que publicava em folhetins) e debateu com afinco os grandes temas nacionais. De tendência antimonarquista e abolicionista, foi em suas páginas que José do Patrocínio (sob o pseudônimo de *Prudhome*) iniciou a sua campanha pela Abolição (1879). Machado de Assis, Capistrano de Abreu, e os portugueses Eça de Queirós e Ramalho Ortigão, entre outros, também colaboraram de modo expressivo com o periódico.

uma princesa, (...) José Ferreira de Araújo encetou nas colunas de seu jornal, com ideal de justiça, uma campanha decidida a favor do movimento abolicionista que começava então a esboçar-se e que ele animou, incitou e fez triunfar. Partidário das instituições que o Brasil hoje tem, o que não quer dizer que o seja sempre dos homens que governam, a sua pena e o seu jornal tem estado, até agora, um e outro, ao lado dos bons princípios de administração séria, de política alevantada e de soberania nacional. (GALERIA, 1899, 16 mar. p.3, grafia atualizada)

O importante jornalista, historiador e dramaturgo português Lino de Assunção, então correspondente da *Gazeta de Notícias* em Lisboa, também teve suas qualidades de publicista enaltecidas pelo editorial:

É o correspondente em Lisboa da *Gazeta de Notícias*. Conhece o Brasil e as suas coisas como poucos portugueses, porque viveu longos anos em algumas das principais cidades de América do Sul, onde criou sinceras afeições que ainda hoje recorda com saudade. O seu nome foi conhecido primeiro do que a sua fisionomia, no nosso meio literário contemporâneo (...) Nomeado, ao criar-se a inspeção das nossas bibliotecas, (...) Lino de Assunção dedicou-se deveras ao desempenho desse cargo de responsabilidade a cujo serviço tem prestado maiores disvelos do seu trabalho. (GALERIA, 1899, 16 mar. p.3, grafia atualizada)

Sempre nesse mesmo sentido, são descritos ainda os perfis intelectuais de Quintino de Bocaiúva (diretor) e Joaquim Leitão (correspondente) do jornal *O Paiz*,⁵ na edição de *Brasil-Portugal* de 16 de abril de 1889, assim como o clã da família Mendes (Dr. Fernando Mendes e Fernando Victor Mendes de Almeida), bem como os correspondentes Celso Hermínio e Jaime Victor, que estavam à frente do *Jornal do Brasil*⁶ (edição número 10 de 16 de junho de 1899). Finalmente, na derradeira publicação de “Galeria da Imprensa” (16 de

⁵ O período matutino *O Paiz* foi um dos inúmeros jornais que surgiram na cidade do Rio de Janeiro no último quartel do século XIX. Fundado pelo português João José dos Reis Júnior – mais tarde agraciado com o título de conde de São Salvador de Matosinhos –, circulou entre 1 de outubro de 1884 e 1930. Quintino Bocaiúva (1836-1912) foi seu redator-chefe de 1885 até ao início do século XX. Principal periódico republicano do Brasil, chegou a vender, em 1890, 32 mil exemplares. Apesar de atuar como um órgão oficioso do governo, considerava-se independente. Grandes personalidades brasileiras de renome colaboraram com o jornal na época, dentre as quais podemos citar, por exemplo, Rui Barbosa, Fernando Lobo, Joaquim Serra, Alcindo Guanabara, Urbano Duarte e Joaquim Nabuco. Devido à sua oposição ao governo revolucionário implantado a partir de 24 de outubro de 1930, a sua sede foi destruída por populares que apoiavam a revolução, data em que consta a sua última edição.

⁶ Fundado em 1891, o *Jornal do Brasil* por Rodolfo Epifânio de Sousa Dantas, com intenção principal de defender o regime monárquico deposto. Contou com a colaboração importante de José Veríssimo, Joaquim Nabuco, Aristides Spínola, Ulisses Viana, José Maria da Silva Paranhos Júnior e outros nomes como Oliveira Lima, então apenas um jovem historiador. O periódico inovou por sua estrutura empresarial, parque gráfico, pela distribuição em carroças e a participação de correspondentes estrangeiros, como Eça de Queirós. O seu primeiro número

abril de 1900), a distinção foi para o jornal *A Notícia*⁷ e seus representantes, Manuel Rocha (diretor), Salvador Santos (gerente) e Augusto de Melo (correspondente em Lisboa).



Figura 2 – Seção “Galeria da Imprensa” publicada em 16 de junho de 1899, p.9.

veio a público em abril. De orientação conservadora, defendia a monarquia recém-derrubada, até que Rui Barbosa (1849-1923) assumiu a função de redator-chefe (1893). Nesta fase inicial, o Barão do Rio Branco (1845-1912) colaborou, em suas páginas, com as célebres colunas *Efemérides* e *Cartas de França*. Por ter sido o único periódico da então Capital a publicar o manifesto do Contra-Almirante Custódio de Melo quando da eclosão da Segunda Revolta da Armada (6 de setembro de 1893), o presidente da República, Floriano Peixoto (1891-1894) determinou o fechamento do jornal e mandou caçar Rui Barbosa, *vivo ou morto*. O jornal, fechado, assim permaneceu por um ano e quarenta e cinco dias. A partir de 15 de novembro de 1894 voltou a circular, sob a direção da família Mendes de Almeida. A opção pela data assinalava o apoio à República, e a sua nova proposta editorial voltava-se para as reivindicações populares. Foi propriedade dos Conde e Condessa Pereira Carneiro e depois de seu genro, Manuel Francisco do Nascimento Brito. Atualmente pertence ao empresário Nelson Tanure.

⁷ O jornal vespertino *A Notícia* foi fundado no Rio de Janeiro em 1894 por Manuel Jorge de Oliveira Rocha (vulgo Rochinha) no qual colaboraram jornalistas como Medeiros e Albuquerque, Valentim Magalhães e Figueiredo Coimbra. Em 1924 passa à propriedade de Cândido de Campos. Em 1930 o jornal foi alvo de vandalismo e seu acervo queimado. O periódico somente foi reaberto dois anos depois e em 1950 passa a ser propriedade de Adhemar de Barros e Chagas Freitas.

Concluindo a seção com o comentário sobre a estrutura editorial de alguns dos maiores jornais da época, como vimos, e discorrendo ainda sobre os grandes jornalistas que lhes promoviam, destacamos principalmente o editorial da edição número 6 (16/04/1899) e a sua justa homenagem ao grande Quintino Bocaiúva, que também foi um importante político brasileiro. Considerado como “Príncipe dos jornalistas brasileiros” por seus contemporâneos, Quintino Antônio Ferreira de Sousa (1836-1912) foi um dos principais articuladores do movimento republicano. Extremamente patriota, chegou adotar o nome indígena Bocaiúva para reafirmar seu nacionalismo. Carioca de origem, muda-se para São Paulo em 1850, trabalha como tipógrafo e revisor e começa a estudar direito, mas não termina o curso por falta de recursos. Volta para o Rio de Janeiro em 1854 e faz carreira na imprensa, escrevendo para jornais como *O Globo* e *O Paíz*, nos quais defende as idéias republicanas. É um dos redatores do *Manifesto Republicano*, em 1870, e um dos responsáveis pela aproximação entre civis republicanos e militares descontentes com o governo imperial. Jornalista polêmico e dono de um discurso lógico, limita-se a atacar os atos da monarquia no cotidiano, sem produzir uma obra teórica mais profunda a respeito do regime. Participa do primeiro governo provisório da República como ministro das Relações Exteriores. Elege-se senador em 1890, mas renuncia após a promulgação da Constituição de 1891, retornando à atividade jornalística. Em 1899 é eleito novamente senador e presidente do Rio de Janeiro, cargo equivalente ao de governador. Volta ao Senado em 1903 e assume a presidência do Partido Republicano Conservador, funções que exerce até a morte.

É escusado dizer que ao dissertar sobre os perfis de Fernando Mendes (16 de junho de 1899) e de Rochinha (edição de 16 de abril de 1900), as características que mais lhe são mais acentuadas foram, justamente, as de “promotores” e “benfeitores” da República brasileira, e a partir daí podemos já tirar algumas conclusões.

Primeiramente, é muito intrigante essa *exaltação* da República Brasileira e, mais ainda, do sistema republicano, uma vez que vimos que a revista posteriormente se opõe e critica sistematicamente a implantação do regime em Portugal; do mesmo modo, o magazine, que tinha como um de seus objetivos o de “manter e apertar as relações do comércio e da indústria entre as duas nações irmanadas pelo sangue, pelo sentimento e pela tradição” (CASTILHO; VITOR; TAVARES, 1899, p. 2), como citamos anteriormente em seu programa de abertura, não teria teoricamente nenhum benefício promovendo a República/ imprensa republicana brasileira, já que era justamente na manutenção do regime monárquico que talvez o periódico conseguiria atingir os seus objetivos iniciais, com a maior proximidade política e conseqüentemente econômica entre os países. Lembremos ainda que, de fato, a implantação da República brasileira em nada contribuiu para o “estreitamento” das relações luso-brasileiras e, pelo contrário, o novo regime foi um dos pivôs centrais do rompimento das relações diplomáticas em 1893, fomentadora do movimento jacobinista e causa dos constantes e duradouros mal-estar e conflitos entre a colônia de imigrantes e os brasileiros, sobretudo no Rio de Janeiro.

Ainda nesse sentido, é interessante notarmos que, apesar da constante colaboração lusitana na imprensa carioca (o que foi de fato muito natural, dado a forte presença dos portugueses na capital fluminense sobretudo depois da vinda da Família Real em 1808), após o incidente com a Revolta da Armada, houve uma espécie de explosão de publicações lusofóbicas nos quotidianos⁸ do Rio de Janeiro, que retratou exemplarmente esse conflito de jogo de forças na cidade. De acordo com Triches (2009, p. 8)

Era também através da imprensa carioca de fins do século XIX e início do XX que se combatia a presença maciça dos portugueses no Brasil, sendo que alguns jornais chegaram a fazer verdadeira campanha a favor da expulsão desses imigrantes, considerados elementos perniciosos ao desenvolvimento da nação. Junto com outras formas de linguagem, como a caricatura, a música popular brasileira, o teatro de revista e as típicas piadas de portugueses, a imprensa contribuiu para confirmar e perpetuar a imagem do português como um ser ignorante, porco, barrigudo, desonesto, ganancioso, imoral, explorador – tanto em termos econômicos quanto políticos –, entre outras infinitas caracterizações que se juntaram na consolidação de seu estereótipo.

O que se percebe, portanto, é que a revista tenta recriar e propagar, através dos editoriais publicados na “Galeria da Imprensa”, uma situação de espécie de *camaradagem* entre os colegas jornalistas brasileiros (que, não por acaso, representavam os cinco maiores jornais em circulação da época) para tentar, pelo menos em termos, desfazer os mal-entendidos passados, apaziguar ressentimentos negativos e criar condições efetivas para o estreitamento das relações comerciais entre os países (fato que beneficiaria principalmente Portugal), não por acaso através da imprensa, muito poderosa e influente naquele período.

Ao analisar os quinze anos de publicação de *Brasil-Portugal*, constatamos sempre o reforço dessas inferências a partir da coluna examinada. Apesar de pretender ser uma revista que atendessemos aos dois países, isto é, “divulgar Brasil em Portugal e vice-versa”, vemos que esse propósito tão logo se esvai e assim como acontece com as outras revistas que pesquisamos e que tinham o mesmo objetivo, é Portugal que sempre emerge e figura como o centro das atenções. O Brasil, quando aparece, é sempre em *função de Portugal*, ou seja, o país aparece sempre como ora importante mercado consumidor, ora como importante “berço” da colônia portuguesa que ali precisa ser protegida e fomentada, ora como exemplo de um Portugal outrora esplendoroso que descobriu o mundo-novo e que iniciou a civilização “nesse importante país”, mas sempre nessa perspectiva propagandística de usar o Brasil como plataforma da nação portuguesa. Com a conclusão de nossa pesquisa em

⁸ Destacamos, por exemplo, os periódicos jacobinos *O Jacobino*, de Deocleciano Martyr, e *A Bomba*, de Aníbal Mascarenhas, também antilusitanistas por excelência.

andamento, esperamos poder perfazer esse interessante itinerário traçado pelos periódicos luso-brasileiros da época e colaborar com a (re)visão dos estudos sobre as complexas ligações entre Brasil e Portugal no período.

**MULLER, F. AT THE BOUNDARY AMONG
LITERATURE, MEMORY AND HISTORY: THE LUSO- BRAZILIAN
“PRESS GALLERY” IN BRASIL-PORTUGAL (1899-1914) MAGAZINE**

Abstract: *We intend to discuss, in this article, outstanding aspects from the relations about “literature, memory and history” through the periodical press study. In this way, we’ll follow out the articles from the session “Press Gallery”, that have been published at Brasil-Portugal (1899-1914) magazine during the first year of its edition. Thinked by the luso-brazilian intellectuals as an instrument to “tighten up the connections from the sisters nations” at the beginning of the twentieth century, this press study can bring us important subsidies for the comprehension of the relations between those countries and, especially, can give also hints about the true reason of this friendship in this age so peculiar for the building of the Brazilian nation.*

Keywords: *Literary periodical press; Luso-Brazilian relationship; Literary historygraphical; Brasil-Portugal magazine.*

Referências

- BOURDIEU, P. *Meditações Pascalianas*. Oeiras: Celta Editora, 1998.
- CASTILHO, A.; VICTOR, J.; TAVARES, L. “A nossa apresentação”. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 1, número 1, 01 fev. 1899, p.2.
- CORRÊA, A. M. M. Prefácio. In: DE LUCA, T. R. *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*. São Paulo: Fundação Editora Unesp, 1999.
- COUTINHO, A. & SOUSA, J. G. (dir.). *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2 ed.rev. ampl., atual. e il. sob a coordenação de Graça Coutinho e Rita Moutinho. São Paulo: Global Editora; Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional: Academia Brasileira de Letras, 2001. 2 vol.
- DONATO, H. *Dicionário das batalhas brasileiras*. São Paulo : Instituição Brasileira de Difusão Cultural, 1996
- FEITOSA, R. G. A. Eça jornalista: olhar crítico sobre a literatura e vida social do século XIX. In: PETERLE, P.; SANTURBANO, A.; CAIRO, L. R. V.;

MARGATO, I. (Org.). *Escritura e sociedade: o intelectual em questão*. Assis/SP: UNESP-Faculdade de Ciências e Letras de Assis, 2006, p. 61-69.

GALERIA da Imprensa: Jornal do Commercio, do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 1, número 3, 01 mar. 1899, p.2.

GALERIA da Imprensa: Gazeta de Notícias, do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 1, número 4, 16 mar. 1899, p.3.

GALERIA da Imprensa: O Paiz, do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 1, número 6, 16 abr. 1899, p.3.

GALERIA da Imprensa: Jornal do Brasil, do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 1, número 10, 16 jun. 1899, p.9.

GALERIA da Imprensa: A Notícia, do Rio de Janeiro. *Brasil-Portugal: Revista Quinzenal Ilustrada*. Lisboa, ano 2, número 30, 16 abr. 1900, p.2.

LISBOA, E. (coord.) *Dicionário Cronológico de Autores Portugueses*. (vol. II). Lisboa: Publicações Europa-América, 1994.

MINÉ, E. A. *Páginas Flutuantes: Eça de Queirós e o jornalismo no século XIX*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2000. v. 1.

PIRES, D. *Dicionário das revistas literárias portuguesas do século XX*. Lisboa: Contexto, 1986.

RIBEIRO, A. B. *Sonho no cárcere: dramas da revolução de 1893 no Brasil*. Rio de Janeiro: Casa Mont'Alverne, 1895.

RIBEIRO, G. S. "Cabras" e "pés-de-chumbo": os rolos do tempo. O antilusitanismo na cidade do Rio de Janeiro (1890-1930). Niterói: UFF, 1987.

_____. *Mata Galegos: os portugueses e os conflitos de trabalho na República Velha*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

RIO BRANCO, B. *Efemérides Brasileiras*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1938.

SANT'ANNA, B. C. L. *Ilustração Brasileira (1854-1855) e A Ilustração Luso Brasileira (1856, 1858, 1859): uma contribuição para o estudo da imprensa literária em língua portuguesa*. (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa, Faculdade

de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

SODRÉ, N. W. *História da imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SUSSEKIND, F. *Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1897.

TRICHES, R. P. “À Sombra das bananeiras d’esta República”: as construções da imagem do português pela imprensa carioca. *Revista Litteris*, v. 2, p. 1-16, 2009. Disponível em: www.revistaliteris.com.br/arquivo_16.html. Acesso em 05 dezembro 2009.

VIEIRA, N. *Brasil e Portugal, a imagem recíproca: o mito e a realidade na expressão literária*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1991.

NORMAS PARA A APRESENTAÇÃO DOS ORIGINAIS

A Revista **Letras & Letras** aceita para publicação artigos inéditos em sua especialidade: estudos linguísticos sobre línguas e/ou literaturas clássicas e modernas; teorias linguísticas; teoria da literatura; estudos sobre o ensino de línguas e de literatura; resenhas críticas de obras publicadas nas áreas de ciências da linguagem e de teoria e crítica de obras literárias, conforme temáticas definidas para publicação, por meio da aprovação de propostas pleiteadas conforme as normas dos editais.

A Revista **Letras & Letras** aceita trabalhos digitalizados em português, espanhol, francês e inglês, respeitados os padrões ortográficos vigentes em cada caso. Os textos deverão estar acompanhados de resumo e palavras-chave (no idioma do texto) e de *abstract* e *keywords* em inglês.

Se o(s) autor(es) achar(em) necessário, poderá(ão) indicar se o trabalho é resumo de dissertação ou tese; se o mesmo está vinculado a outros projetos, se obteve auxílio para a realização do projeto; enfim, quaisquer outros dados relativos à produção de material. No caso de resumos de dissertações ou teses, indicar o título da mesma, instituição onde defendeu o projeto e data de defesa.

É proibida a tradução de artigos publicados na Revista para outro idioma sem a autorização da Diretoria.

Ao enviar o material para publicação, o(s) autor(es) está/estarão automaticamente abrindo mão de seus direitos autorais, concordando com as diretrizes editoriais da Revista **Letras & Letras** e, além disso, assumindo que o texto foi devidamente revisado.

Dois membros do Conselho Editorial, um interno e outro externo, emitirão parecer sobre os trabalhos, aprovando-os ou sugerindo as alterações que julgarem necessárias. Em caso de um parecer ser favorável e outro contrário, o trabalho será enviado a um terceiro membro do Conselho Editorial.

Depois da análise, os trabalhos serão devolvidos aos autores, juntamente com cópia dos pareceres. Os trabalhos que requererem alterações serão encaminhados aos autores para procederem às modificações sugeridas e, em seguida, enviarem eletronicamente à Revista o texto devidamente corrigido.

Envio de originais:

O material para publicação deverá ser encaminhado à Diretoria da Revista por via eletrônica conforme orientações contidas no site da Revista. Inicialmente, o autor deverá cadastrar-se, criando um *login* e uma senha, obedecendo as orientações disponibilizadas no site www.letraseletras.ileel.ufu.br.

De acordo com as orientações, o autor deve acessar o site da revista e iniciar seu processo de registro de um *login*, escolhendo a opção “*sobre*” e na próxima janela, deverá optar pelo link “*Submissões Online*”. Em seguida, surgirão duas opções: “*Acesso*” e “*Cadastro*”. Ao optar pelo link “*Cadastro*”, uma outra janela se abrirá com um formulário a ser preenchido pelo autor. O cadastro de um *login* e de uma senha deverá ser efetuado.

O autor precisará preencher todos os campos do formulário disponível, antes de submeter o material para a revista **Letras & Letras**. Todas as informações reunidas nesse formulário serão utilizadas pelos editores da revista para se comunicarem com o autor, bem como para a indexação do trabalho quando publicado.

Depois do cadastro feito, o autor deverá fazer o seu *login* todas as vezes que desejar submeter um trabalho ou verificar a situação de seu processo de submissão atual.

Para submeter trabalhos, o autor deverá escolher a opção “*Submeter*” e seguir os passos (1, 2, 3, 4 e 5 constantes no site) do processo para submissão de trabalho à revista. Todos os campos de cada passo deverão ser preenchidos. Após a conclusão do processo de submissão, o autor poderá acompanhar o *status* de suas submissões atuais, acessando o *site* e fazendo seu *login*. O autor deverá acessar a opção “*Submeter*” e escolher a função “*Acompanhar*”.

Preparação dos originais

Os textos submetidos devem conter, no máximo, 30 (trinta) páginas, incluindo bibliografia e anexos, quando for o caso, digitalizadas com espaçamento simples.

As páginas deverão ser configuradas da seguinte maneira:

Largura: 16cm

Altura: 21,5cm

Numeração: fora (canto inferior)

Margem Superior: 3cm

Margem Inferior: 2,5cm

Margens esquerda e direita: 2cm

Tipo: Times New Roman

Texto: corpo 11

Notas: corpo 9

As notas de rodapé devem figurar necessariamente ao pé das páginas onde seus índices numéricos aparecem.

Estrutura do trabalho

Os textos devem obedecer à seguinte ordem:

- a) **Título** em maiúsculas com negrito, centralizado. Duas linhas abaixo do título, alinhado à direita;
- b) **Nome do(s) autor(es)** por extenso, sendo o último sobrenome em maiúsculas;
- c) **Filiação científica**, em nota de rodapé, puxada por um asterisco, constando a titulação máxima, o nome do instituto ou faculdade a que pertence, o nome da universidade (sigla) e o endereço eletrônico do(s) autor(es);
- d) **Resumo**, no idioma do texto (máximo 200 palavras), duas linhas abaixo do nome do autor, sem adentramento e em espaçamento simples;
- e) **Palavras-chave** (até cinco), duas linhas abaixo do resumo, separadas por ponto e vírgula;
- f) **Texto**: duas linhas abaixo das palavras-chave inicia-se o texto, em espaçamento simples entre linhas e duplo entre parágrafos; os **subtítulos** correspondentes a cada parte do texto deverão figurar à esquerda, em negrito e sem adentramento. Duas linhas após o término do texto, à esquerda, em negrito e sem adentramento, deverão constar **título** (em inglês) e demais referências sobre o artigo (Ex.: SILVA, M. título em inglês). Duas linhas abaixo deverão constar o **abstract** e **keywords**. Em seguida, também duas linhas abaixo, sem adentramento, deverão figurar as **referências bibliográficas**, em ordem alfabética e cronológica, indicando os trabalhos citados no texto. Após as referências, poderá figurar a **bibliografia**, com a indicação das obras consultadas ou recomendadas, não referenciadas no texto, também em ordem alfabética e cronológica.
- g) **Referências bibliográficas**: devem ser dispostas em ordem alfabética pelo último sobrenome do autor, atendendo-se aos padrões da NBR 6023:2000 da ABNT.

Abreviaturas: os títulos de periódicos deverão ser abreviados conforme o *Current Contents*.

Exemplos básicos:

Livros

SILVA, I. A. *Figurativização e metamorfose*: o mito de Narciso. São Paulo:EDUNESP, 1995. 276 p.

Capítulo de livros

JOHNSON, W. Palavras e não palavras. In: STEINBERG, C.S. *Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1972, p. 47-66.

Dissertações e teses

CORRÊA, G. G. *As reformas educacionais brasileiras: programas de ensino em Ciências e seriação escolar*. 1997. 201 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Centro de Ciências Humanas e Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 1997.

Artigos de periódicos

CAMPOS, M. M. Educação infantil: o debate e a pesquisa. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 101, p.113-127, jul. 1997.

Trabalho em congresso ou similar (publicado)

MARIN, A. J. Educação continuada: sair do informalismo? In: CONGRESSO ESTADUAL PAULISTA SOBRE FORMAÇÃO DE EDUCADORES, 1, 1990. Águas de São Pedro. *Anais...* São Paulo: Unesp, 1990. p.114-118.

Publicação On-line – Internet

TAVES, R. F. Ministério corta pagamento de 46,5 mil professores. *O Globo*, Rio de Janeiro, 19 de maio 1998. Disponível em <http://www.oglobo.com.br>. Acesso em 19 maio 1998.

Citação no texto.

O autor deve ser citado entre parênteses pelo sobrenome, separado por vírgula da data de publicação (BARBOSA, 1980). Se o nome do autor estiver citado no texto, indica-se apenas a data entre parênteses: “Morais (1955) assinala...”. Quando for necessário especificar página(s) esta(s) deverá (ão) seguir a data, separadas por vírgula e precedidas de p. (MUMFORD, 1949, p. 513).

